

Credores procuram alternativas para reduzir o "exposure"

por Alair Barbosa
de Nova York

Os grandes bancos norte-americanos começam a buscar "mecanismos de mercado" para reduzir o seu "exposure" na América Latina. Para isso estão montando ou reforçando departamentos especializados em operações de "swaps", ou troca de ativos.

Executivos do Citibank, Morgan e da Merrill Lynch estão apostando num grande desenvolvimento desse mercado nos próximos anos, como forma de reciclar o estoque de US\$ 400 bilhões de créditos para a região, transferindo esses riscos para outros bancos e/ou outras instituições financeiras.

Essas operações de "swap" consistem fundamentalmente em troca de ativos. Uma empresa norte-americana que esteja operando na Argentina e que queira encerrar as suas atividades, por exemplo, certamente terá dificuldades para remeter

seus dólares para os Estados Unidos. Mas pode "vendê-los" — através de "swaps" — para outra empresa estrangeira (norte-americana, européia ou brasileira) que queira investir na Argentina.

É possível também a troca de empréstimos internacionais. Um banco chileno credor do Brasil pode trocar esse ativo com um banco venezuelano que tenha empréstimos ao Chile. E o banco venezuelano faria operações semelhantes com banco brasileiro, e assim por diante.

TÍTULOS

Outra possibilidade de operações de "swap" é a conversão de empréstimos em títulos mobiliários e sua venda para investidores institucionais nos Estados Unidos. Ao viabilizar essa operação o banco reduz a sua carteira de empréstimos para a região. O investidor, por sua vez, também pode fazer um bom negócio, já que esses créditos estão sendo negociados com um deságio médio de

18% no mercado interbancário em relação ao valor de face em operações com o Brasil.

Um instrumento que os banqueiros citaram como "interessante" e que pode ser um embrião para a interligação do mercado de crédito e o mercado de títulos na América Latina é o Bonex — um título do tesouro argentino indexado ao dólar. O Bonex, no fundo, é semelhante à ORTN cambial brasileira, mas tem uma diferença fundamental: pode ser livremente negociado no mercado internacional. O saldo desse título já é superior ao do meio circulante argentino tradicional, somando cerca de US\$ 5 bilhões — na estimativa do Citibank — e os Bonex têm viabilizado operações de "swap".

OPÇÕES

A esperança dos banqueiros é de que surjam instrumentos semelhantes em outros países, permitindo a dinamização do mercado. Em alguns casos, como no Chile e no México (além da

Argentina) já existem mecanismos legais para viabilizar esses "swaps".

A rigor, os grandes bancos não teriam muito interesse no florescimento desse mercado. Existindo um mercado secundário ativo torna-se "visível" que os créditos para a América Latina valem menos que o declarado nos seus balanços, e eles serão obrigados a contabilizar uma "perda de capital". Os bancos de menor porte e os investidores institucionais, porém, estão analisando seriamente esse mercado. Os primeiros porque querem efetivamente reduzir os seus riscos a qualquer custo. Os investidores em busca de novos negócios vêem nessa situação uma forma de ganhar dinheiro.

Para não perderem o "bonde", os grandes bancos passam a se interessar pelo mesmo. "Se está surgindo um novo mercado, não podemos ficar longe dele, pois senão perdemos negócios", justificou um executivo do Morgan.